



EU E OS OUTROS: MEMÓRIAS DE JOSÉ CARDOSO PIRES

NASCIMENTO, Mariana (PUC/Rio)¹

RESUMO: Este artigo objetiva investigar a relação entre história, literatura e memória a partir dos textos que compõem o livro *E agora, José?*, publicado em 1977 pelo escritor português José Cardoso Pires. A análise da obra, que agrupa vários ensaios escritos e reescritos durante e após a ditadura em Portugal, buscará ressaltar o modo peculiar empregado por Cardoso Pires no tratamento das questões políticas que marcaram a história portuguesa. A abordagem literária desse período realizada pelo autor é composta por uma pluralidade de formas e conteúdos que nos remetem ao questionamento acerca da dissolução dos limites entre o ficcional, o ensaístico e a autobiografia. Nesse sentido, destaca-se em *E agora, José?* a presença tanto de textos críticos e objetivos a respeito do regime ditatorial, quanto de relatos sobre personagens históricos que fizeram parte da vida do escritor durante esse período, além de narrativas que versam sobre o próprio Cardoso Pires. Observa-se, então, o texto de teor autobiográfico não só como fonte de revelação da identidade pessoal, mas também como vontade de expressão da alteridade e de uma identidade coletiva, que se formam através da exposição e rememoração do próprio passado do autor. Assim, este estudo busca, também, realçar os relatos feitos por Cardoso Pires da sociedade, dos outros e de si, como expressões e “testemunhos” de uma época, que tornam a memória real a fim de evitar o seu possível esquecimento.

PALAVRAS-CHAVE: Autobiografia; testemunho; Portugal.

ABSTRACT: The aim of this article is to examine the relation between history, literature and memory based on the texts from the work *E agora, José?*, published in 1977 by the Portuguese writer José Cardoso Pires. The analysis of this work, which is composed by several essays that were written and rewritten during and after the dictatorial period in Portugal, intends to highlight the peculiar way of Cardoso Pires in dealing with the political aspects of this important historical period of Portugal. The author's approach to this historical period is characterized by several forms and contents, which leads the reader to the problem of the dissolution of the boundaries between fiction, essay and autobiography. In this sense, this article will focus on both the presence of critical and objective texts on the dictatorship and the reports on historical characters that took part of the writer's life during that period, in addition to narratives on Cardoso Pires himself. In this sense, the autobiographical text is not only a source of personal disclosure but also a way of expressing otherness as well as the collective identity, formed by the exposition

and the rememoration of the author's past. Thus, this study also aims to highlight Cardoso Pires' writings about the society, the others and himself, as expressions and "testimonials" of a period of time, avoiding the memories to be forgotten.

KEY-WORDS: Autobiography; testimonial; Portugal.

Abordar a questão da memória entre as obras do escritor português José Cardoso Pires (1925-1998) seria se propor a percorrer um caminho em que essa memória é constantemente discutida e questionada, especificamente no que diz respeito à memória enquanto mecanismo de verdade e de poder social e político. Para isso, este trabalho deveria retratar a análise de obras como *O delfim* (1971) ou *Balada na Praia dos Cães* (1999a), a partir das quais se pode delinear traços dessa temática na obra do autor, tais como a precariedade da memória como meio para a verdade na primeira ou a memória como meio de coerção na segunda. Entretanto, o objetivo deste artigo é tentar estabelecer um novo percurso para se pensar a memória em relação a esse autor. Por isso, este texto não pretende abordar a memória *em* Cardoso Pires, mas pretende refletir sobre a memória *de* Cardoso Pires. Conforme indicado no título, este artigo visa a discorrer sobre as memórias do próprio Cardoso Pires em relação a si mesmo e aos outros e, para isso, terá como objeto central de análise o livro *E agora, José?* (1999c).

É importante ressaltar que esse movimento da memória de se relacionar com o eu e com os outros não é excludente, ou seja, não ocorre separadamente e nem em momentos distintos. A relação entre o eu e os outros que será explorada aqui é concomitante, além de intrinsecamente necessária (como se para pensar o eu fosse essencial pensar os outros e vice-versa). Nesse sentido, torna-se paradigmático o ensaio que dá nome ao livro, no qual Cardoso Pires escreve sobre ele mesmo através da visão da imagem de si fumando em frente ao espelho. Aqui, a necessidade do outro para pensar em si é levada ao extremo, a ponto de o outro ser o próprio eu que é descrito como outro.

Assim, é preciso, primeiramente, esclarecer a que e a quem os termos utilizados no título se referem. No que diz respeito ao termo "eu", a sua relação com o próprio José Cardoso Pires se mostra bastante óbvia. Por outro lado, quanto ao termo "os outros", a inferência sobre o que ele indica não é tão direta e clara quanto a utilizada no entendimento do primeiro termo. Para os que não conhecem a obra do escritor, um caminho seria pensar nesses outros como efetivamente outras pessoas com as quais o eu constrói a memória sobre si, principalmente através das experiências compartilhadas e do olhar da alteridade. Já para os conhecedores da obra de José Cardoso Pires, a identificação desses outros com a sociedade portuguesa poderia se mostrar mais clara. Nesse sentido, é como se a alteridade

fosse o grupo social em geral, no qual se incluem não só os outros, mas, principalmente, um nós, um pertencimento à coletividade que revela, além do retrato de uma sociedade, também o retrato de um eu. Veremos que tanto a pressuposição do primeiro quanto a do segundo grupo se aplicam ao caso da obra que será analisada aqui. Refletiremos sobre a relação de José Cardoso Pires com as pessoas que ocuparam um lugar de destaque na sua vida intelectual, pessoal, artística e política e também a sua relação com a sociedade portuguesa como um todo, especificamente no que tange a seu funcionamento na época da ditadura e após o seu término. Para além dos outros, o que será enfatizado é o modo como essa delicada relação entre o sujeito e o mundo que o cerca é expressa de formas tão divergentes, mas, ainda assim, capazes de revelar um espaço autobiográfico de memórias de si e de outrem.

Os seguintes versos de João Cabral de Melo Neto parecem resumir com precisão a relação apresentada no título deste trabalho e que será desenvolvida a seguir.

Sempre evitei falar de mim, falar-me.

Quis falar de coisas.

Mas na seleção dessas coisas

não haverá um falar de mim? (MELO NETO, 2007, p. 7)

As belas palavras do poeta nos remetem imediatamente a uma reflexão acerca da relação entre o sujeito e o mundo, que será abordada no âmbito do espaço autobiográfico em Cardoso Pires, e também a um questionamento acerca da expressão autobiográfica nesse livro.

Pensar a autobiografia na obra do escritor português é, geralmente, de-ter-se sobre suas memórias do acidente vascular cerebral (AVC) sofrido em 1995 e publicadas no livro *De profundis, valsa lenta* (1997). O livro é um relato autobiográfico da enfermidade sofrida por ele, e abarca desde o momento em que o escritor sofre o AVC, que afetou o centro da fala e da escrita no cérebro e também a memória, até a sua saída, já recuperado, do hospital. O próprio Cardoso Pires afirmara ser este o seu livro de caráter mais pessoal e o que mais lhe ensinou.

Por outro lado, a reflexão sobre a sociedade portuguesa e sobre o regime ditatorial em Portugal na obra de Cardoso Pires é normalmente iniciada a partir da leitura de livros paradigmáticos como *Jogos de azar* (1993), *O delfim* (1971), *Dinossauro excelentíssimo* (1999b) ou *Balada na Praia dos Cães* (1999a). Neles, o autor delinea não só um retrato do povo português, mas também do longo período da ditadura salazarista no país.

Entre a memória pessoal e a ficcionalização da história e da sociedade, parece abrir-se um espaço na obra do autor em que esses dois pólos interagem concomitantemente. Um espaço literário que esteja, de acordo com o próprio Cardoso Pires, “à margem da ficção” (PEDROSA, 1999, p. 96), que uma memória, crítica e investigação à criação e imaginação literárias sem, no entanto, prender-se necessariamente a nenhum dos lados.

Três anos depois de abril de 1974, ano da Revolução que pôs termo ao período de ditadura que durou 48 anos, José Cardoso Pires reúne num único volume, intitulado *E agora, José?*, textos de forma e conteúdo variados que foram submetidos à categorização de “Ensaio”. Alguns deles foram escritos durante a ditadura em Portugal e proferidos e/ou publicados nessa época em outros países (Alemanha, Inglaterra e França). Outros tiveram sua publicação proibida pela censura portuguesa, e alguns foram escritos após o fim da ditadura. A grande maioria dos textos que compõem a obra em questão foi revisada e reescrita para a sua publicação em Portugal.

Primeiramente, o que chama a atenção do leitor ao se deparar com *E agora, José?* é a variedade temática e estrutural que compõe a obra. Nesse sentido, destaca-se a presença tanto de textos críticos e objetivos a respeito do regime ditatorial, quanto de relatos sobre personagens-históricos que fizeram parte da vida do escritor durante esse período, além de narrativas que versam sobre a obra do autor e sobre o próprio Cardoso Pires.

A fim de melhor ilustrar essa pluralidade, é importante atentar para alguns dos títulos das seções em que se divide o livro. O primeiro capítulo chama-se “Auto-retrato” e é composto por quatro textos. A princípio, o título parece indicar uma seção em que o leitor encontrará ensaios que versem sobre o próprio autor, ou seja, textos de caráter mais subjetivo do que objetivo, escritas que apresentem uma imagem ou uma versão de José Cardoso Pires feita, ou idealizada, por ele mesmo. No entanto, o que encontramos nessa parte do livro é algo completamente oposto. O primeiro texto “Atento, venerador e obrigado”, por exemplo, poderia se enquadrar, de certa forma, a um tipo de auto-retrato, uma vez que discursa sobre características da vida do próprio autor. Porém, o modo como isso é feito é totalmente diferente do que se poderia pensar sobre um relato pessoal. O texto é escrito de modo objetivo e é estruturado de acordo com as formalidades da escritura jurídica, enfatizando as irregularidades das ações do governo em relação ao que foi tacitamente acordado entre as partes (José Cardoso Pires e o Estado Português) à época do nascimento do autor, quando o Estado se comprometeu, por meio da Constituição Política da Nação, a cumprir determinadas obrigações com o cidadão durante a sua vida.

Aos dois dias do mês de outubro de mil novecentos e vinte e cinco, no acto do registro de nascimento do cidadão José Cardoso Pires,
Foi tacitamente celebrado contrato pelo Governo Português no qual se obrigava o novo súbdito nacional ao cumprimento de determinadas regras, individuais e colectivas, e se lhe garantiam, em contrapartida, direitos de cidadania, de trabalho, subsistência e liberdade.

[...]

Passados quarenta e seis anos sobre o estabelecimento desse compromisso, o declarante, que agora exerce o ofício de escritor e se encontra na plenitude dos seus direitos cívicos e políticos, e portanto das prerrogativas ali consignadas, verifica que, embora tenha cumprido todos os deveres que assumiu pela referida declaração de nascimento, nunca a segunda parte contratante, o estado, respeitou as obrigações a que se comprometeu para com ele. (PIRES, 1999c, p. 17).

Nota-se que, apesar de partir de um tema de teor individual, esse “auto-retrato” mostra-se muito mais como uma imagem do governo através da enunciação das características e atividades do autor do que como uma representação centrada no sujeito.

Além disso, ressalta-se em “Atento, venerador e obrigado” a denúncia dos problemas que o escritor enfrentava diante da censura em Portugal, que foi ininterrupta durante todos os anos do regime ditatorial. A questão das condições com as quais o escritor se deparava ao tentar publicar e o problema da falta de permissão para a troca de idéias (e também para a formação de idéias) são, mais uma vez, temas de ordem bastante pessoal para Cardoso Pires, já que ele, como escritor, sofreu essa repressão e produziu alguns relatos de caráter testemunhal sobre o assunto. No entanto, se pensarmos na experiência pessoal como um índice para o que ocorre com outras pessoas da mesma sociedade que se encontram em situação semelhante, o caráter coletivo desse tipo de relato de uma experiência limite se apresenta como bastante significativo. No caso do texto em questão, a coletividade é esse pequeno grupo de profissionais das letras (do qual José Cardoso Pires faz parte) que necessita trabalhar com as palavras, não como uma mera contingência profissional, e sim como uma atividade intrínseca e vital, mas é impedido de realizar o movimento próprio da literatura de partir do real e voltar a ele (cf. PIGLIA, 2001). Com isso, a reflexão propiciada pela leitura de “Atento, venerador e obrigado” proporciona um deslocamento do espaço autobiográfico para o âmbito profissional, até chegar ao funcionamento da sociedade portuguesa à época da ditadura.

Esse movimento está presente também em outros textos do mesmo capítulo e do livro em geral. No entanto, em alguns deles, há um enfoque especificamente objetivo sobre a censura (como é o caso de “Técnica do golpe de censura”,

cujo título já indica o caráter quase cientificista da análise do modo como a censura se instaurou na sociedade portuguesa de tal modo que alcançou até as pequenas brechas do cotidiano), enquanto em outros se ressalta o caráter estritamente subjetivo do fazer literário (como é o caso de “Memória descritiva”, em que Cardoso Pires escreve sobre *O delfim*, seu próprio romance, e, conseqüentemente, sobre o seu fazer literário), além de textos sobre aspectos pessoais da vida do escritor (como é o caso de “A visita”, em que narra sua ida à sede da PIDE² após o fim da ditadura). Essas diferenças de abordagem são sobressaltadas nos capítulos “Visita à oficina” e “Parêntese ao novo país” – dos quais os três ensaios mencionados acima fazem parte (os dois primeiros pertencem a “Visita à oficina”, e o terceiro, a “Parêntese ao novo país”). Em nenhum dos dois capítulos se observa uma homogeneidade no tipo de tratamento dado ao tema político sobre o qual versa o livro. Tanto em um quanto em outro, a subjetividade se mescla à objetividade em grupos de textos que esclarecem, por um lado, aspectos da sociedade portuguesa durante o regime ditatorial e, por outro, elementos do cotidiano e da vida privada do próprio autor e sua visão sobre esta sociedade.

Apesar das diferenças estruturais e dos diferentes enfoques temporais e de pontos de vista adotados nos ensaios, observa-se que a questão política do esforço para manutenção da liberdade de pensamento do escritor e dos homens das artes (intelectuais em geral) diante dos riscos da repressão é uma constante entre os textos dessa coletânea. Tanto que o escritor destina um capítulo, intitulado “Retrato dos outros”, para reunir textos em que discorre sobre personalidades da intelectualidade brasileira, africana, italiana e portuguesa que, de diferentes modos, fizeram parte da vida do autor durante a época da ditadura e que, no caso dos portugueses e africanos, também sofreram a repressão e a censura do regime salazarista.

O título “Retrato dos outros”, escolhido por Cardoso Pires para reunir os textos em que ele discorre sobre a vida e a obra de outras pessoas, aponta para uma alteridade que pode (e deve) ser problematizada. Apesar de o autor escrever sobre os outros, isto é, eleger diferentes personalidades como personagens históricos principais, a leitura desse capítulo revela não só um retrato do próprio Cardoso Pires, mas também o retrato de um “nós”, ou seja, de uma sociedade e de uma época bem determinadas. Por “retratarem” experiências alheias, os relatos apresentados por Cardoso Pires poderiam, a princípio, constituir o que se convencionou chamar de “testemunhos secundários”, uma vez que o objetivo central é narrar o que se passou com o outro e não com ele próprio. No entanto, não podemos esquecer o fato de que, ainda que o ponto central seja o outro, essa terceira pessoa está sendo retratada por um sujeito que decide sobre o que narrar e como fazê-lo. Lembrando as palavras de João Cabral de Melo Neto, o elemento subjetivo não pode ser ignorado nesse tipo de testemunho.

Por outro lado, a opção do enunciador sobre que fatos e características evidenciar e o modo como realiza essa enunciação não restringe o relato ao fator individual. A idéia do *testimonio*, especialmente de acordo com a sua utilização na literatura latino-americana, ressalta o caráter coletivo do texto. O testemunho, aqui, deve representar “a vida não de uma pessoa em particular, mas sim de alguém *exemplar* (que vale *pars pro toto* pela *comunidade*)” (SELIGMAN-SILVA, 2003, p. 34). Assim, os relatos sobre determinados aspectos da vida desses intelectuais que têm algum episódio das suas vidas narrado, e de certa forma ficcionalizado, por Cardoso Pires, podem servir como exemplo não só para se pensar sobre a violência que o regime exercia no âmbito individual, mas também para permanecerem como registros históricos de uma época e de uma sociedade. É este o caso do texto “O homem de perfil”, por exemplo. Nele, Cardoso Pires escreve sobre Castro Soromenho (1910-1968), escritor moçambicano em cujos livros se destacam o processo colonial em Angola e a cultura e a história africanas. O texto escrito por Cardoso Pires remonta, inicialmente, à época em que ambos estavam exilados em Paris.

Na primeira parte de “Um homem de perfil”, o autor se recorda da imagem de Castro Soromenho de perfil, sentado na *Place de la Sorbonne*. A lembrança dessa imagem de Soromenho é caracterizada pelo silêncio e pela austeridade, que podem ser vistos como marcas do exílio. Na caça aos argelinos, a Cidade-Luz espalhava terror sobre todos os exilados. Constantes inspeções e intervenções policiais em locais públicos tornavam mais intensos o medo e o pavor nos refugiados. Porém, mesmo “num clímax assim, apavorado” (PIRES, 1999c, p. 47), o homem consegue forças para imaginar-se além. Num episódio narrado no texto, em que Soromenho, entre tantos outros, está parado de braços para o alto e costas na parede durante uma inspeção policial, Cardoso Pires ressalta o olhar de seu amigo que se mantém fixado no sol, muito além “do momento e da humilhação” (PIRES, 1999c, p. 48).

Na segunda parte do texto, Cardoso Pires, já de volta a Lisboa, vai ao cais buscar Estela, a filha de Soromenho, para ficar em sua casa, já que a mãe dela tinha sido internada num hospital psiquiátrico parisiense e o paradeiro do seu pai era desconhecido. A forma como essa criança, separada dos pais por quilômetros de distância, lida com a situação em que se encontra é aqui também um exemplo de força e coragem perante as violências e injustiças do regime salazarista.

A descrição humanizada que Cardoso Pires faz destas cenas, em que de certa forma ficcionaliza esses personagens históricos, traz a lume o cotidiano da experiência de um exilado político e de sua família em época de ditadura. Mostra como o homem, mesmo minado constante e ininterruptamente, mesmo tão isolado e sufocado e já sem forças para se expressar, consegue “aprender coragem e solidão” e seguir em frente, olhando distante, de alguma maneira, um certo ponto do horizonte.

Por outro lado, é importante lembrar que esse capítulo do livro (“Retrato dos outros”), além de um tipo de expressão testemunhal, apresenta também vários comentários a respeito da produção artística desses personagens históricos selecionados, atuando paralelamente como um tipo de crítica cultural do período. Neste sentido, é importante destacar o apreço demonstrado pelo escritor português pela persistência e perseverança desses homens em manter a imaginação e a dedicação ao árduo trabalho com as palavras e com as imagens (como é o caso dos textos sobre João Abel Manta e José Dias Coelho), apesar de todas as adversidades. Ainda no ensaio sobre Castro Soromenho, José Cardoso Pires destaca como o exílio corrói o homem, esvaziando-o lentamente, seja pela vigilância constante, seja pelas duras condições de sobrevivência, a ponto de a luta pela sobrevivência consumir a imaginação. “Escrever, quem poderia escrever em tais horas?” (PIRES, 1999c, p. 47), lembra o autor. Em outro “Retrato dos outros” intitulado “Carta aos amigos comuns”, Cardoso Pires escreve sobre o escritor e amigo António Alves Redol (1911-1969). A primeira parte desse texto, escrita em Londres em 1969, contém um relato indignado de Cardoso Pires a respeito da morte de Redol e da impossibilidade de este ter vivido num Portugal melhor. Ao receber a notícia do falecimento de Alves Redol, o autor relembra uma parte da última carta que recebeu do seu amigo. O fragmento diz: “Sou um dos que morre na incomunicabilidade com o seu tempo. Nunca me deixaram dizer-lhe o que de mais autêntico tinha para ele” (PIRES, 1999c, p. 48).

Numa crítica à censura imposta pelo regime ditatorial, Cardoso Pires ressalta que a solidão acaba por se tornar uma marca em relevo daquele intelectual que, apesar de permanecer em seu país, é tão exilado e “apagado” quanto os que precisam ir embora. A segregação política imposta a Alves Redol foi tão nociva quanto àquela imposta a Soromenho. Tanto no texto dedicado a Soromenho quanto no texto sobre Redol, José Cardoso Pires deposita atenção especial ao olhar desgastado e desencantado dos seus personagens. Analisa como os dois tipos de segregação corroem e desgastam para destacar que, no caso dos dois autores, Soromenho e Redol, mesmo corroendo a carne, foi possível manter ileso a dignidade. De acordo com Cardoso Pires, “se algum escritor português sofreu injustiças e as suportou com tolerância excessiva (excessiva, sim) esse foi o António” (PIRES, 1999c, p. 84). Após a sua morte, destaca Cardoso Pires, Alves Redol será finalmente lembrado oficialmente pelo regime. Mas será que as homenagens e a memória agora permitidas poderão restituir todo um tempo de ausência de comunicação com a sua época e com o seu povo? A resposta indignada, certamente, é “não”.

Comunicar, na vida de um escritor, é apenas o que se escreve? E o convívio que se lhe nega? E o participar na colectividade com as intervenções que a sua condição lhe solicita? E o viver com alegria e em tranquilidade? Não é isso também comunicar? (PIRES, 1999c, p. 84).

Todos os personagens históricos principais desse capítulo, inclusive o próprio autor, são intelectuais em época de ditadura. Seus relatos mostram episódios da vida de pessoas que optaram por se manifestar criticamente, apesar das inevitáveis conseqüências. Ainda que não tenhamos um relato de algum episódio marcante ocorrido com o próprio Cardoso Pires durante a época da ditadura em Portugal, ou no tempo em que estava exilado, os relatos feitos por ele sobre os outros revelam não só os seus próprios sentimentos, mas também as experiências vividas por ele na ditadura. A opção por fazer um relato dos outros e não de si mesmo pode ser vista como um deslocamento que, retomando a Leveza, uma das propostas de Ítalo Calvino (1990) para a literatura do próximo milênio, seria um modo de mostrar a verdade de forma indireta. Nesse sentido, na medida em que Cardoso Pires narra acontecimentos nos quais esteve presente, sua própria experiência também vai sendo revelada. Sendo assim, podemos nos questionar até que ponto as características destacadas nos outros não seriam expressões do próprio autor em diferentes períodos da sua própria luta contra a ditadura.

O olhar acima dos pavores do exílio em Paris, a indignação por não poder se comunicar com o seu tempo: essas sensações (e outras não exploradas aqui) podem também ter pertencido a Cardoso Pires, como um tipo de compartilhamento de experiências tão próprio a situações-limite. E, além disso, os testemunhos dos outros (e de si) têm a amplitude de servir não só para esses personagens particularmente, mas também como expressões e relatos de uma época, que tornam a memória real a fim de evitar o seu possível esquecimento.

Voltemos, então, a alguns aspectos trabalhados até aqui e tentemos alcançar uma possível conclusão. Para tanto, sugiro atentarmos para o ensaio "Memória descritiva", pertencente ao capítulo "Visita à oficina". Nele, Cardoso Pires escreve sobre *O delfim* (1971), seu próprio romance, e, conseqüentemente, sobre o seu fazer literário. Entre os aspectos do livro sobre os quais discorre, destaco aqui o fato de assumir ter colocado em um dos personagens centrais (que é o escritor do romance) muitas características de si mesmo – como exemplo, nota-se em *O delfim* algumas indicações explícitas dessa relação entre narrador e escritor, como a idade de um que é idêntica à do outro: "E tenho quarenta anos, quarenta e um" (PIRES, 1971, p. 62); ou como a referência do narrador a *O anjo ancorado* (1999d), um outro romance do próprio Cardoso Pires. Observa-se que Cardoso Pires chama a atenção para os momentos de superposição em que narrador e autor se imbricam no seu livro.

Essa dissolução entre os dois pontos da ficção e da não-ficção parece ser um elemento central para refletir também sobre *E agora, José?* O próprio escritor afirmou, em entrevista, que considerava essa linha imaginária que separa a ficção do ensaio como um fio inexistente. Para ele, investigar e criticar também seriam formas de criação e imaginação.

Uma das grandes questões da obra de José Cardoso é a superposição de gêneros manifesta em seus escritos. O problema dos tênues limites entre ficção e realidade perpassa o conjunto da sua obra, provocando no leitor o incômodo da incerteza de estar diante de uma ficcionalidade do real ou de uma realidade ficcionalizada. Em meio a essa questão, surge também um outro ponto central, a saber, como seria possível analisar a autobiografia do autor diante dessa diluição dos limites entre fato e ficção. Este trabalho procurou apenas mostrar um dos muitos caminhos para se pensar a expressão autobiográfica de José Cardoso Pires, centrando-se no amplo e múltiplo espaço literário inaugurado com a publicação de *E agora, José?*

NOTAS

- ¹ Mestranda em Estudos de Literatura Portuguesa na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.
- ² Sigla de Polícia Internacional e de Defesa do Estado), a principal organização responsável pela polícia política do Estado Novo em Portugal.

REFERÊNCIAS

- CALVINO, Ítalo. *Seis propostas para o próximo milênio*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- MELO NETO, João Cabral de. *O artista inconfessável*. Rio de Janeiro: Alfaguara, 2007.
- PEDROSA, Inês. *José Cardoso Pires: Fotobiografia*. Lisboa: Dom Quixote, 1999.
- PIGLIA, Ricardo. *Tres propuestas para el próximo milenio (y cinco dificultades)*. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2001.
- PIRES, José Cardoso. *O delfim*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1971.
- _____. *Jogos de azar*. Lisboa: Dom Quixote, 1993.
- _____. *De profundis, valsa lenta*. Lisboa: Dom Quixote, 1997.
- _____. *Balada na Praia dos Cães*. Lisboa: Dom Quixote, 1999a.
- _____. *Dinossauro excelentíssimo*. Lisboa: Dom Quixote, 1999b.
- _____. *E agora, José?* Lisboa: Dom Quixote, 1999c.
- _____. *O anjo ancorado*. Lisboa: Dom Quixote, 1999d.
- SELIGMANN-SILVA, Márcio (Org.) *História, memória, literatura: o testemunho na era das catástrofes*. Campinas: Editora da Unicamp, 2003.